

Jabutis na Poltrona¹

Ariadiny Rinaldi SEVIDANIS²

Rosane Verdegay de BARROS³

Centro Universitário Cesumar, Maringá, PR

RESUMO

O livro-reportagem *Jabutis na poltrona* é composto por perfis jornalísticos de quatro escritores contemporâneos que nasceram ou vivem no Paraná e tiveram seus romances contemplados com o Prêmio Jabuti, um dos mais importantes da literatura do país. São eles: o catarinense Cristovão Tezza e o carioca José Castello, ambos radicados em Curitiba, o londrinense Domingos Pellegrini e o maringaense Oscar Nakasato. Por meio dos estudos sobre o conceito e o processo de construção de perfis e de textos biográficos com foco no personagem, explorados principalmente por Vilas Boas (2002, 2003) e Sodr e&Ferrari (1986), e das particularidades do livro-reportagem apresentadas por Lima (1995) e Belo (2006), este trabalho buscou discutir de que forma a trajetória pessoal desses autores influenciou no processo de cria o de suas obras.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo literário; perfil; literatura brasileira; escritores paranaenses

1 INTRODU O

Quando se termina a leitura de um livro instigante, vem sempre aquela vontade de conhecer mais sobre o autor. As informa es básicas contidas na orelha da obra pouco servem para matar essa curiosidade. Uma das principais razões pela qual se   jornalista   o de ter a possibilidade e prazer de conhecer pessoas diferentes e interessantes. Poucas outras profissões concederiam a pesquisadora   oportunidade de conversar com Cristovão Tezza, Domingos Pellegrini, José Castello e Oscar Nakasato, escritores tão talentosos e com histórias de vidas tão díspares.

A inten o da pesquisadora ao elaborar o livro-reportagem “Jabutis na Poltrona” composto pelos perfis jornalísticos desses escritores foi a de poder transcrever as ideias e conceitos que formam esses grandes nomes da literatura e têm de compartilhar a

¹ Trabalho submetido ao XXI Pr mio Expocom 2014, na Categoria “Jornalismo”, modalidade “Livro-reportagem”.

² Recém-graduada do curso de Jornalismo da UniCesumar, email: ariadiny.rinaldi@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Profa. Especialista do Curso de Jornalismo, e-mail: rosane.barros@gmail.com.

experiência e as impressões do encontro com eles, a fim de saciar, além da própria curiosidade, a de outros leitores. O recorte feito para o livro-reportagem selecionou em especial esses quatro escritores, a partir do critério de que Tezza, Pellegrini, Castello e Nakasato são autores que nasceram ou foram radicados no Estado do Paraná e tiveram suas obras contempladas com o prêmio Jabuti de Literatura, um dos mais relevantes e tradicionais da literatura nacional, na categoria Romance.

O perfil jornalístico, conforme explica Vilas Boas (2002), é um texto biográfico que narra episódios e circunstâncias marcantes da vida de um ser humano, famoso ou não, vivo ou morto. Apesar de se tratar de um texto biográfico, não é necessariamente uma biografia. Esta precisa retratar com minúcia todo o percurso da vida do biografado, desde a infância, adolescência até a fase em questão. Já o perfil tem a liberdade de contar apenas alguns momentos mais significantes referentes à trajetória do personagem, bem como colher suas opiniões sobre assuntos importantes e polêmicos, mostrar como ele desenvolve seu trabalho e ouvir o que os amigos e os inimigos dizem dele. Para narrar tais episódios e circunstâncias, o autor pode combinar a apuração e a entrevista jornalística com descrições e caracterizações do espaço físico, feições, gestos, comportamentos, entre vários outros recursos literários.

Sendo assim, nos quatro perfis elaborados neste trabalho, optou-se por destacar o processo de criação das obras agraciadas com o Jabuti como um dos momentos mais marcantes na vida desses escritores. Isso porque, de certa forma, esses quatro autores utilizaram suas próprias vivências para criar as narrativas de seus romances. *O Filho Eterno*, de Cristovão Tezza, é um livro descaradamente autobiográfico, no qual o autor reconstitui seu relacionamento com o filho Felipe, que tem Síndrome de Down. *Ribamar*, de José Castello, é uma tentativa de reconciliação póstuma entre o autor e o pai, José Ribamar. A narrativa de *O Caso da Chácara Chão*, de Domingos Pellegrini, é ambientada no local onde o autor reside. *Nihonjin*, de Oscar Nakasato, foi escrito com base em pesquisas sobre a imigração japonesa em livros de História e Antropologia, mas também no relato que o autor recolheu de seus antepassados.

O problema de pesquisa proposto por este trabalho foi o de investigar de que forma a trajetória pessoal desses autores influenciou, direta ou indiretamente, no processo de criação de suas obras premiadas. Ou seja, o objetivo foi descobrir o quanto de referências

autobiográficas há de Tezza em *O Filho Eterno*; de Pellegrini em *O Caso da Chácara Chão*; de Castello há em *Ribamar* e de Nakasato há em *Nihonjin*.

2 OBJETIVO

Desenvolver um livro-reportagem composto por quatro perfis jornalísticos de premiados escritores contemporâneos que residem no Paraná para discutir a influência da trajetória pessoal dos autores no conteúdo das obras premiadas.

3 JUSTIFICATIVA

O perfil é uma narrativa mais curta em relação ao tamanho do texto e menos durável quanto à atualidade das informações, se comparado a biografia. Por isso, é comum que o personagem mude de opiniões, conceitos, atitudes e estilos meses depois que o texto seja publicado. Afinal, os entrevistados alteram seus pensamentos e suas palavras, lembram e mentem, conforme a idade e a conveniência. Às vezes, tentam agradar, outras não (VILAS BOAS, 2002, p.67).

Essa limitação, porém, não menospreza a relevância do perfil como produção jornalística. “Não há por que sofrer com o fato de que as convicções são mutantes. A durabilidade de um texto-perfil, na verdade, está na capacidade do autor de trabalhar bem as cristas e vales inerentes à trajetória humana” (VILAS BOAS, 2003, p.21). Ou seja, um bom perfil é aquele que gera empatia, apresenta detalhes que humanizam e desmistificam o personagem. Mostra sua vitória, derrota, expectativa, frustração, amizade, solidariedade, coragem, perda, separação, medo, e convida o leitor para o encontro com alguém até então desconhecido. Esses tipos de narrativas influenciam o modo como os leitores enxergam a si mesmos, a natureza humana em geral ou a certos indivíduos em particular.

Segundo Vilas Boas (2002) são cada vez mais raras na imprensa atual matérias que valorizem esse lado humanístico.

O que aparece nas revistas de hoje não são as sutilezas do encontro, a pessoa por trás do mito ou a capacidade de observação do autor. O que emerge são intrigas de bastidores, a invasão consentida, estimulada e premeditada da privacidade, ou a preocupação de alguns jornalistas com o

próprio marketing pessoal e o sedutor ofício de caricaturar gente bonita que “passa” na TV (VILAS BOAS, 2003, p.28).

Não só os perfis, mas outros subgêneros do jornalismo literário também perderam espaço nos jornais e revistas. Segundo Lima (2013), o principal motivo desse desuso é a “acomodação com o modelo predominante: o hard news do dia a dia”. A necessidade em produzir notícias em larga escala e em curto período de tempo depois do fato ter acontecido, em busca do imediatismo, também é criticada por Vilas Boas (2002):

Os espaços de jornais e revistas estão cada vez mais disputados por avalanches de informações fragmentadas e por uma competição brutal em torno de formatos praticamente idênticos. [...]. O resultado disso é a ênfase nas pílulas de informações.” (VILAS BOAS, 2002, p.11).

Segundo Belo (2006, p.14), as principais alegações dos jornais e das revistas em não investir no jornalismo literário estão: a) falta de dinheiro, já que matérias especiais demandam altos custos do orçamento; b) falta de tempo para os repórteres poderem investigar e se aprofundar sobre o assunto; c) e faltam leitores dispostos a digerir reportagens longas. Para o autor, somente parte dessas desculpas são justificáveis. A tendência das direções dos jornais e revistas brasileiros acreditarem que seus assinantes não têm tempo e não gostam de ler é estigmatizada pelo autor. Vilas Boas (2002), também argumenta contra:

Por esse raciocínio paradoxal, reportagens um pouco mais detalhadas e humanizadas seriam geradoras de antipatias. Contradição das contradições. É um claro preconceito. Acredito que os leitores sempre encontrarão tempo para narrativas que identificam seus destinos com o destino de outras pessoas, como quando dizem “puts, isso pode acontecer comigo”. O problema é que simplesmente desaparecem as reportagens hipnotizantes, aquelas que nos fazem esquecer o pão dentro da torradeira no café da manhã, perder o ônibus ou dilatar nossa ida ao banheiro durante o horário de trabalho (VILAS BOAS, 2002, p.12).

Quando o tema interessa ao leitor, movido pela vontade de conhecer mais sobre determinado assunto ou simplesmente pelo prazer de ler uma boa história, ele vai atrás, não se sente intimidado pela quantidade de caracteres. Contextualizar as notícias fragmentadas e preencher essa lacuna deixada pela imprensa cotidiana é justamente a função do livro-reportagem.

Segundo a definição de Lima (1995), o livro-reportagem é um veículo de comunicação não-periódico que amplia o trabalho da imprensa cotidiana ao conceder uma espécie de sobrevida a acontecimentos desprezados ou tratados com superficialidade pelos jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão. Por ser um formato que permite reunir a maior quantidade de informações organizadas sobre um mesmo assunto, o livro-reportagem oferece ao leitor, em vez do relato simples e raso, uma dimensão aprofundada e ampliada dos fatos. É justamente nessa particularidade, em avançar as fronteiras para além dos limites convencionais impostos pelo próprio jornalismo, que, para Lima (1995), reside a essência do livro-reportagem. Para o autor, o livro-reportagem é o resultado mais latente da união entre o jornalismo e a literatura. Além de incorporar procedimentos operacionais do jornalismo – pauta, redação e edição – agrega condicionamentos literários, ao proporcionar um ambiente livre para experimentações de linguagens e narrativas diversas. (LIMA, 1995, p.36).

Para uma matéria jornalística ganhar status de livro, Belo (2006, p.42) diz que são necessárias algumas condições como o caráter não perecível ou, pelo menos, de maior durabilidade do assunto. Por isso, Lima (1995) explica que o conceito de atualidade do livro-reportagem deve ser compreendido sob uma perspectiva mais flexível do que o aplicado às publicações periódicas. Nesse caso, não interessa a instantaneidade da notícia, mas seu contexto e desdobramentos, a fim de apresentar ao leitor um panorama da contemporaneidade. Por não ser tão imediatista quanto a da cobertura diária, o livro-reportagem abre espaço para abordagens diferentes, originais e criativas. Dentre as subdivisões temáticas, feitas por Lima (1995), está o livro-reportagem-perfil: evidencia o lado humano de uma personalidade pública ou de uma pessoa anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A entrevista é a etapa mais importante na construção do perfil. Essa etapa exige uma prévia, extensa e trabalhosa apuração. É de praxe, antes de fazer qualquer entrevista, que o jornalista pesquise sobre o tema que vai tratar. Nesse caso, ele precisa conhecer bem o seu perfilado. Esse meio de conseguir informações é chamado por Vilas Boas (2002), de fontes secundárias, aquelas que dependem diretamente do exercício da memória humana. Outras

informações podem ser obtidas com fontes primárias, aquelas gravadas ou impressas, como em documentos, clippings, arquivos de jornal e em sites na internet (VILAS BOAS, 2002, p.55).

Kotscho (1995) alerta que mesmo tendo as perguntas definidas, o jornalista não deve se prender ao roteiro. “[...] o repórter deve estar sempre livre de qualquer preconceito, qualquer ideia pré-fixada pela pauta ou por ele mesmo. É a sua sensibilidade que vai determinar o enfoque da matéria” (p.42). O jornalista Daniel Piza (2003), no livro *Jornalismo Cultural*, resalta o argumento de Kotscho (1995), ao afirmar que o preconceito arraigado e a ignorância do jornalista em relação ao entrevistado, são os erros mais comuns de quem escreve um perfil. Em geral, a tendência dos autores é “glamourizar” o personagem, ressaltando seus gestos mais louváveis, ou menosprezar suas atitudes execráveis.

Antes de começar a entrevista propriamente dita, Kotscho (1995) aconselha o jornalista a sentir, observar, estudar o entrevistado. Dessa forma, a entrevista deixa de ser uma relação entre o profissional de jornalismo e sua fonte de informação e passa a ser uma conversa descontraída. Vilas Boas (2003) acrescenta ainda que o ideal é que a entrevista seja realizada pessoalmente, face a face, para que o repórter possa, também, atentar-se ao ambiente em que o perfilado se encontra. De preferência, esse espaço deve ser um lugar em que o entrevistado esteja familiarizado, como a sua casa ou seu local de trabalho. Isso porque, a decoração e os objetos pessoais também revelam um pouco sobre a sua personalidade. Nessa hora, detalhes como os olhares, o cheiro, a entonação da voz, a posição das mãos, as pausas de silêncio, o vento que sopra o telefone que toca são informações, que não necessariamente precisam estar no texto, mas que servirão para o jornalista entender a “alma” do personagem.

Depois, no processo da construção da narrativa, Sodré e Ferrari (1986, p.131) afirmam que o jornalista tem, via de regra, dois tipos de comportamento. Na primeira situação, o repórter mantém-se distante, valorizando as declarações e o que o personagem diz sobre si próprio. Na segunda situação, o repórter toma a palavra e apresenta o perfilado. Há, porém, uma terceira situação, que é a mistura desses dois modelos. Isso acontece quando o repórter não conhece pessoalmente seu personagem e relata a experiência do encontro no momento em que se dá, trazendo-a para o presente. Assim, o texto salienta a

impressão da realidade ao mesmo tempo em que compartilha com o leitor a descoberta do caráter do entrevistado.

A terceira opção foi a adotada para desenvolver os quatro perfis deste trabalho, com objetivo de criar empatia do leitor. Além disso, Vilas Boas (2003) defende que a narrativa de um perfil “está atada ao sentimento de quem participa. A frieza e o distanciamento são altamente nocivos. Envolver-se significa sentir” (p.14). Favorável a essa opinião, em seu artigo *A humanização do Jornalismo Literário*, Ormaneze (2005, p. 120) faz a seguinte indagação: “Como ser objetivo e imparcial se o assunto é o ser humano, contraditório e formado também por uma estrutura subjetiva que determina suas características objetivas?”. O autor acredita que é impossível que as experiências pessoais do repórter não transpareçam na temática em que este estiver trabalhando, pois as ideias envolvem e refletem as sensações de quem as formula. Na hora de escrever, o repórter deve imprimir sua própria linguagem e seguir seu estilo.

A estrutura do perfil pode se dar na forma de depoimentos, na combinação da narrativa em primeira e em terceira pessoas, ou no modelo da entrevista clássica, a que apresenta um texto de introdução sumária com alguns dados e referências sobre o perfilado e, em seguida, as perguntas e respostas. Há também casos em que a entrevista é transcrita em partes e intercalada com o texto narrativo. Essa mescla, conforme afirma Kotscho (1995), é comum em perfis jornalísticos. “Quando o personagem se abre, não é preciso a gente ficar falando dele. Ele mesmo faz seu próprio perfil, e o repórter trata apenas de prestar atenção para ser fiel ao que ouviu” (p.45).

Na estruturação de um texto biográfico, o jornalista também precisa estabelecer o tempo da narrativa. Os acontecimentos e episódios, de acordo com Vilas Boas (2002) podem se manifestar de forma linear, ou seja, as ações se desenvolvem seguindo a ordem cronológica em que aconteceram (do nascimento à morte do personagem ou ao presente em questão); de frente para trás, em flashback, (do presente em questão ao nascimento do personagem); ou então podem se manifestar em uma espécie de dança temporal, com idas e vindas, recuando a acontecimentos passados e antecipando os acontecimentos futuros.

Apesar dos quatro perfilados deste trabalho serem escritores, estes apresentam histórias de vidas díspares. Com o objetivo de aproveitar o leque de possibilidades da estruturação do perfil, buscou-se construir de forma diversificada os quatro perfis. Sem um

modelo rígido foi possível ousar na narração e transmitir certa particularidade em cada um deles.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

As entrevistas com os escritores foram realizadas entre os meses de abril e agosto de 2013. Durante o intervalo de tempo entre uma e outra, com as anotações e os áudios em mãos, foi feita a decupagem do material, que ao todo resultou em mais de cinco horas de gravações, e deu-se início construção dos perfis.

O perfil *Cuidado, um iceberg*, de Domingos Pellegrini, foi elaborado a partir da constatação de que o escritor é tido como uma pessoa ranzinza e encrenqueira, dentro e fora do cenário literário da região. Mas, seguindo os conselhos de Vilas Boas (2003), a postura adotada no perfil foi a de abandonar os preconceitos existentes sobre o escritor londrinense, buscando compreender o universo embutido em suas particularidades, abordando assim outra perspectiva sobre sua persona.

Os temas da entrevista foram pautados a partir das ideias do escritor apresentadas no romance *O Caso da Chácara Chão*, como o problema da violência, corrupção policial e ao jornalismo sensacionalista, com o propósito de coletar a opinião do autor sobre assuntos importantes e polêmicos atuais, a exemplo da medida que retira do Ministério Público a atribuição de realizar investigações criminais (PEC 37) e dos programas televisivos que misturam jornalismo com humor.

Já no caso do perfil *Poeta por acaso*, de José Castello, o fato de o escritor ter passado mais de dezesseis anos de sua vida fazendo análise com psicanalistas foi crucial para a estruturação do perfil. A intenção, ao utilizar diferentes focos narrativos - em um primeiro momento, de terceira pessoa com narrador onisciente e, em um segundo momento, denunciar a presença de um narrador em primeira pessoa - foi passar a impressão de que o leitor estivesse acompanhando uma das consultas do escritor, para só depois, revelar o momento da entrevista em seu apartamento, em Curitiba.

Este perfil traz os bastidores do processo de criação de *Ribamar* a fim de relatar “a imensa aventura existencial” que foi, para Castello, escrever esse livro. O enredo explora a relação conturbada entre o ele e o pai, abordada na obra vencedora do prêmio Jabuti, para desencadear uma série de outros temas e episódios da vida do escritor, como sua vasta

experiência nas redações jornalísticas, sua homossexualidade e sua híbrida produção literária.

O perfil de Oscar Nakasato, *Um nihonjin na vastidão*, por sua vez, está organizado por datas. São narrados encontros que aconteceram antes mesmo à proposta deste trabalho, devido a amizade entre a pesquisadora e o escritor. Dos momentos narrados, um ocorreu antes de Nakasato ser contemplado com o prêmio Jabuti; outro, exatamente dois dias depois de *Nihonjin* ter sido anunciado como obra vencedora na categoria de Melhor Romance; um terceiro no lançamento da obra na Livraria Curitiba do Shopping Maringá Park, e o quarto, que é a entrevista propriamente dita, na casa da mãe de Nakasato, em Maringá. Dessa forma, dividido por datas, o perfil é estruturado de forma linear. Com exceção do último encontro, que apresenta flashback a infância e da adolescência do escritor. O objetivo, assim, é mostrar a transição de Nakasato do anonimato para a fama.

De todos, Cristovão Tezza foi o único que se recusou a conceder a entrevista pessoalmente. Esta foi realizada por e-mail. Depois de várias tentativas de contato, a alternativa encontrada, devido a falta de tempo, foi a de completar as informações para o perfil assistindo do evento literário Litercultura, que ocorreu no mês de agosto em Curitiba, no qual o escritor participou de uma mesa-redonda.

No perfil *Um Erro Emocional*, essas tentativas de contato são descritas, não a fim de espetacularizar a recusa de Tezza, que, como figura pública, escritor premiado e professor acadêmico, deveria se mostrar mais acessível e tolerante frente aos pedidos de entrevista. A intenção é registrar uma mudança visível no comportamento de Tezza - também comum em outros escritores - causada pelo estresse da rotina literária, frente ao assédio de fãs e jornalistas, em palestras, mesas-redondas e outros eventos do gênero. O momento do encontro entre a autora e o escritor na fila de autógrafos do evento Litercultura, em Curitiba, é descrito logo no começo do perfil e, de certa forma, assegura um suspense que fica em aberto até o final da narrativa.

Além dos perfis, o livro-reportagem, traz o prefácio assinado pelo jornalista Ademir Demarchi, doutor em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de São Paulo (USP); e um capítulo que contextualiza a história do prêmio Jabuti. O livro tem ilustrações de Sérgio Augusto e edição gráfica de Isabela Moura. O título *Jabutis na poltrona* agrega a proposta deste trabalho. Primeiro porque todos os quatro perfilados são ganhadores do

Prêmio Jabuti. Segundo porque, quando se pensa em poltrona, o brainstorming remete para algo confortável, aconchegante, individual e pessoal. O objetivo foi passar a ideia de que os escritores estão à vontade para falar, por meio dos perfis, da sua vida, dos seus valores e da sua personalidade.

6 CONSIDERAÇÕES

A busca pela criatividade através de uma escrita envolvente e humanizada é um desafio para os profissionais que rotineiramente estão enjaulados pelo lead, compromissados com a objetividade e subordinados ao imediatismo. Ao eliminar os pressupostos do jornalismo meramente informativo, o perfil apresenta aspectos que o tornam nobre perante outras formas de veiculação de notícia impressa. É dever do jornalista, não apenas informar o público, mas incentiva-lo a criticar sua própria visão de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1995
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: UNICAMP, 1995.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário: o legado de ontem**. In: *New journalism: a reportagem como criação literária*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social. – Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003. 96 p.:il. – (Cadernos da comunicação. Série Estudos; v.7). Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf>. Acesso em: 1 out.2013
- ORMANEZE, Fabiano. **Eu sou o outro e o outro sou eu – A humanização no Jornalismo Literário**. Conectiva – Revista de Estudos Midiáticos. Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre-MG, ano III, v. 1, nº 5, p. 119-132, 2005.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural: a arte está em tudo**. São Paulo: Contexto, 2003
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.
- VILAS BOAS, Sérgio. **Biografia e Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.